

# Extensão Universitária na UFG

## Olhando para o passado

Ana Luiza Lima Sousa<sup>1</sup>

**P**ara aqueles que trabalham com Extensão Universitária há algum tempo, a discussão sobre a sua concepção parece ultrapassada e desnecessária. É praticamente uma questão superada para muitos, pois estão vivendo uma prática que não deixa brechas para dúvidas ou questionamento. Para esses, discutir concepção da extensão universitária pode ser uma tarefa bem árdua e repetitiva. No entanto, necessária e atual.

Em qualquer espaço que se reúnem atores da extensão, a concepção do objeto apresenta-se como um enigma. E qualquer tentativa em decifrá-lo tem produzido uma polissemia de termos que em nada contribui para elucidar. E aquilo que, para alguns, pode estar absolutamente claro e definido, para outros tantos, assume contornos tão variados quanto as exposições propostas. A confusão é tamanha que confunde-se concepção com instituição de políticas internas, que também se confundem com normas e rotinas institucionais.

Portanto, esse ainda é um dilema não superado e, a necessidade desta discussão persiste em nossos dias, como um desafio a ser enfrentado que refletirá na prática acadêmica.

Sua concepção está sempre atrelada a proposições individuais, sem maiores cuidados

com uma construção teórica. Há uma variação sobre o seu entendimento, na dependência direta dos interlocutores que se encontram pelo caminho.

Entender a concepção de Extensão Universitária é o primeiro passo na construção e adoção de políticas na área e na normatização das ações.

Parafraseando um amigo pró-reitor, que diz sempre: "A extensão que eu defendo tem nome e sobrenome: Extensão Universitária." E é exatamente este caráter acadêmico que deve ser reconhecido nas atividades de extensão.

Na Universidade Federal de Goiás, a extensão universitária já assumiu lugares diversos, em coordenadorias, em pró-reitorias, na interiorização da universidade....

Em dezembro de 1997, foi criada a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFG. Estes últimos oito anos tem sido de construção contínua em todos os aspectos: organizacional, infra-estrutura, recursos humanos, teórico, dentre outros.

A primeira grande necessidade sentida nesse caminhar foi de estruturação da Pró-Reitoria. E foi, exatamente neste momento que se identificou a necessidade de que uma concepção da Extensão Universitária fosse discutida e servisse de base para os próximos passos.

Neste período o Fórum de Pró-Reitores das Universidades

Públicas Brasileiras lançou o Plano Nacional de Extensão. Este Plano apresenta a concepção discutida no Fórum e também as metas a serem perseguidas pelas instituições de ensino superior no Brasil, no que diz respeito a Extensão Universitária. E foi esta a concepção que a UFG também utilizou como alicerce.

A Extensão definida como  
*... o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade (...)* Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 1990a:14),

Percebe-se que o Fórum apresenta uma concepção de Extensão que a coloca como processo educativo, instrumento articulador do ensino e da pesquisa e como um trabalho interdisciplinar. Embora não explicita a defesa de um espaço próprio para a existência da Extensão Universitária, uma vez que, como instrumento articulador, poderia estar ocupando brechas, insinua que este espaço deverá existir, pois a ex-

segurança e criar oportunidades  
tensão deverá ser a própria expressão da função social da Universidade. Portanto, essa concepção torna-se a manifestação do desejo do Fórum de colocar a extensão ocupando um lugar entre as demais funções da Universidade.

A idéia de instrumento articulador parece servir para tentar desembaraçar essa proposta de processo, já que pesquisa, ensino e extensão podem ser processos educativos e, portanto, assemelham-se. Dessa forma, procura-se conseguir um espaço para a extensão entre os espaços já conquistados pelos outros. Como instrumento articulador ela não apresenta ameaça à existência das outras funções, o que torna mais cômoda sua presença, mesmo que seja somente entre brechas permitidas.

Falar em processo traduz várias ações ocorrendo ao mesmo tempo e em espaços próprios, com continuidade cumulativa. O verbo agir permeia o quadro de um processo.

Esta concepção traz a Extensão muito mais como instrumento viabilizador da função social da universidade do que exclusivamente como processo educativo. As propostas feitas são no sentido de operacionalizar essa função através da socialização do que se produz na pesquisa e no ensino. Aqui, reforça-se a articulação necessária e que é possibilitada pelas ações extensionistas, refletindo a indissociabilidade das funções acadêmicas.

Fica claro que compromisso da Universidade é social e está direcionado para a cidadania, tendo a Extensão como

instrumento viabilizador.

A Universidade sempre esteve comprometida socialmente com alguém. Na medida que entendemos que a Universidade é uma instituição social, torna-se ilógico tentar tratá-la de forma dicotômica, como se Universidade e Sociedade fossem entidades autônomas. E, da mesma forma não podemos pensar em segmentar a academia segundo suas funções. O contexto sócio-econômico, político e cultural que circunscreve a academia também a perpassa, portanto, Universidade e Sociedade evoluem, conjuntamente, em relações recíprocas e de maneira dialética. O que nos interessa é indagar sobre com quem ela tem se comprometido e a quais interesses tem servido, via exercício da Extensão.

Então é isso! A Extensão Universitária cria novos espaços na academia. A sala de aula deixa de ser o laboratório, a biblioteca, a sala convencional. Derrubam-se as paredes e destroem-se limites para as ações. Alunos e professores estão inseridos na realidade concreta experimentando o fazer acadêmico junto ao fazer profissional e tecendo relações sociais que refletem nas políticas públicas instituídas.

A extensão universitária surge como instrumento a ser utilizado pela Universidade para a efetivação do seu compromisso social e também como articuladora de suas relações. Ela vai receber, desde o seu início, a responsabilidade de efetivar este compromisso com as comunidades. Esse papel articulador não deve, necessariamente, ser

visto como a substituição para falhas no ensino e na pesquisa. Trata-se de um momento de construção em que extensão universitária é uma ferramenta necessária e útil para tornar os produtos da universidade mais próximos da sociedade.

Fica claro que a extensão universitária tem como responsabilidade precípua efetivar as relações sociais da universidade com o seu meio, de modo tal a fazer dela uma instituição social e comprometida com as necessidades da sociedade de seu tempo.

É este o papel histórico da extensão: aproximar a univer-

*A Extensão Universitária cria novos espaços na academia. A sala de aula deixa de ser o laboratório, a biblioteca, a sala convencional. Derrubam-se as paredes e destroem-se limites para as ações.*

sidade da sociedade; ser o instrumento de resgate destas possibilidades. Portanto, essa concepção que se vem construindo sobre extensão universitária deverá refletir sobre sua prática e, conseqüentemente, sobre o próprio modelo de Universidade e de Sociedade que se almeja.

Historicamente, a Universidade tem buscado se proteger da crise que envolve toda a Sociedade; é temerosa do envolvimento e de suas conseqüências. Ela tem-se assustado com os acontecimentos e as mudanças deste final de século. Só que este susto não tem sido utilizado como alavanca

para rupturas; o medo parece impedir o movimento. Devemos reconhecer toda nossa ortodoxia se pretendemos romper com o velho e assumir características de contemporaneidade.

*A extensão universitária tem como responsabilidade precípua efetivar as relações sociais da universidade com o seu meio, de modo tal a fazer dela uma instituição social e comprometida com as necessidades da sociedade de seu tempo.*

Disso depende o nosso destino (Buarque, 1994:19-31). Assumir que vivemos um momento de crise, de modo generalizado, pode ser positivo

*A Universidade não pode pensar em si mesma como instituição formadora se ignora o ambiente social na formação dos profissionais.*

na medida que isso significa o início do questionamento dos paradigmas que temos recebido. Estaremos construindo outro paradigma, e isso não é um processo cumulativo, mas uma construção nova, fundamentada em diferentes elementos - no caso, os nossos elementos regionais. (Guadilla, 1987:143)

O movimento que a Universidade deve fazer, utilizando-se da Extensão como mediado-

ra desta ação, precisa começar dentro de si mesma e arriscar-se também fora de seus muros. Suas funções, já amplamente reconhecidas, de produção e disseminação do conhecimento, precisam do oxigênio de uma práxis revolucionária. Ela precisa estar vigilante quanto a sua função política de transformação das condições sociais de dominação

A práxis revolucionária é o fundamento e a finalidade do conhecimento; um conhecimento que o homem produz ao produzir as condições necessárias à sua existência, através do trabalho. O ponto de partida, portanto, para elaboração do conhecimento, são os homens, em sua atividade, em seu trabalho, no interior das relações sociais que eles geram. E a Universidade não pode pensar em si mesma como instituição formadora se ignora o ambiente social na formação dos profissionais.

É como práxis revolucionária que entendemos o papel da extensão hoje. É esta sua responsabilidade. Só desta forma a Universidade poderá ser aceita como instrumento transformador do real, quando estiver atuando sobre as mudanças das circunstâncias mas também sendo transformada por essas mesmas circunstâncias. Não devemos esquecer que "o próprio educador tem de ser educado." (Marx & Engels, 1984:108)

*O espaço de produção efetiva do conhecimento é a práxis, onde se supera o saber pedante e se produz o saber revolucionário (...)*  
*Os espaços de articulação com o movimento do real,*

*como os estágios, a pesquisa e a extensão, acabam por ser atividades marginais. Cair na vida, penetrar no caos, no buraco negro das relações sociais concretas, onde as explicações não são suficientes, onde o conhecimento é frágil, onde a competência formal não serve, é uma aventura que a poucos atraí. É mais confortável o útero morno e seguro da "mãe academia"(...) Os que conseguem, no entanto, romper os muros, por os pés - e a cabeça - para fora, deixando entrar o ar fresco da realidade nos pulmões, têm descoberto que é no movimento, no provisório, no caos, na dinâmica jamais "enquadrada" das relações concretas que se transforma a sociedade, que se faz a revolução. (Kunzer, 1992:22)*

Foi com estes pensamentos e intenções que a PROEC perseguiu um ideal de Extensão Universitária de uma Universidade que é socialmente comprometida!

## *Autora*

<sup>1</sup> - Pró-Reitora de Extensão e Cultura - UFG, professora Adjunto III - Faculdade de Enfermagem - UFG.

## *Referências bibliográficas*

- BUARQUE, Cristovam. A aventura da universidade. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista Paz e Terra, 1994. 239p.
- GUADILLA, Carmen Garcia. Produccion y Transferecia de Paradigmas Teoricos en la Investigacion Socio-Educativa. Caracas: Fondo Editorial Tropykos, 1987. 189p.
- KUNZER, Acácia Zeneida. Para Estudar o Trabalho como Princípio Educativo na Universidade: categorias teórico-metodológicas. Curitiba, 1992. 209p.
- MARX & ENGELS. A Ideologia Alemã: teses sobre Feuerbach. São Paulo: Moraes, 1984. 119p.